

## **UMA ABORDAGEM PSICOLINGÜÍSTICA DE LEITURA DE TEXTO SOCIAL**

Marilice Pompeu da Silva\*  
Renilson José Menegassi•

### **RESUMO**

Ao analisarmos a leitura sob a perspectiva da literatura psicolingüística, refletimos sobre as suas diferentes concepções, algumas vezes divergentes ou complementares. Assim, apresentam-se, neste artigo, os benefícios que essas concepções trouxeram para elucidar o mecanismo da leitura, como utilizá-lo numa atividade metacognitiva e as implicações desse conhecimento na formação de um leitor competente, na prática de leitura de um texto social.

**Palavras-chave:** leitura, psicolingüística, texto social.

### **INTRODUÇÃO**

A proposta deste trabalho é resumir a ampla definição de leitura apreendida a partir dos quatro modelos cognitivos de processamento propostos na literatura psicolingüística: ascendente, descendente, interativo e interativo compensatório.

Ao apresentar estes modelos com as contribuições diferenciadas que cada um deles trouxe ao conceito de leitura, faremos menção aos textos de: Jean Foucambert (1994 e 1997), Isabel Solé (1998), Angela Kleiman (1993), Vilson J. Leffa (1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (Brasil 1997 e 1998), que constituem a referência principal para a produção deste texto.

---

\* Mestrado em Lingüística Aplicada, UEM, aluna especial. (mariliceps@gmail.com)

• Doutor em Letras Pela Unesp (Assis) e professor do DLE – UEM (renilson@wnet.com.br)

## DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS DE LEITURA

Nos textos dos autores citados, encontramos pontos em comum de extrema importância para elaborarmos o conceito atual de leitura em toda a sua complexidade. Fez-se necessário uma busca de significado de palavras-chave dentro do conceito atual de leitura, no Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986) para obtermos uma compreensão lingüística do material fornecido pelos textos.

Esta lista de palavras verificadas são essenciais na medida em que são usadas para esclarecer o mecanismo de leitura em toda a literatura psicolingüística.

1. **Antecipar:** fazer, dizer, sentir, fruir, fazer ocorrer, antes do tempo marcado, previsto ou oportuno; precipitar; chegar antes de; anteceder.
2. **Atribuir:** imputar; conferir; conceder; reclamar; dar; reivindicar; tomar a si; considerar como autor, como origem ou causa;
3. **Construir:** dar estrutura a, edificar, fabricar, formar, organizar, dispor, arquitetar.
4. **Extrair:** tirar para fora; arrancar; resumir; colher; separar.
5. **Inferir:** tirar por conclusão; deduzir pelo raciocínio.
6. **Produzir:** fazer existir; criar, gerar; pôr em prática; levar à efeito; realizar.
7. **Selecionar:** fazer seleção de; escolher.
8. **Verificar:** 1. Provar a verdade de: A experiência verifica a teoria. 2. Investigar a verdade: A polícia verificou os depoimentos, confrontando-os. 3. Comprovar a exatidão de; confirmar, corroborar: Acontecimentos posteriores verificaram a profecia. 4. Realizar-se, efetuar-se, cumprir-se.

Com o significado desses verbos já em mente, podemos afirmar que demos o primeiro passo para uma leitura competente, isto é extraímos informação da escrita provida de significado. Segundo os textos dos PCNs (Brasil, 1997 e 1998) extrair informação da escrita não é apenas decodificar letra por letra, palavra por palavra, mas leitura fluente só se dá quando o leitor utiliza de estratégias como: selecionar, antecipar, inferir e verificar. “É o

uso, desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc.” (Brasil 1997: 53-54)

Entendendo, primeiramente, que estratégias de leitura são mecanismos que cada leitor individualmente desenvolve, ao longo de sua vida, para conseguir uma informação através da leitura, para compreendê-la e a partir dela obter um novo conhecimento ou atualização de conhecimento; o que exatamente vem a ser estratégia de seleção, de antecipação, de inferência e de verificação?

A estratégia de seleção é aplicada pelo leitor quando no processo de leitura ele escolhe o que é relevante para si e descarta o que é irrelevante; de antecipação é aplicada pelo leitor a cada vez que ele é capaz de prever o que está “lá na frente”, onde seus olhos ainda não chegaram; a estratégia de inferência entra em ação no momento que o leitor compreende o que não está explícito no texto, isto é, o que está “nas entrelinhas” do texto; de verificação se dá quando o leitor avalia se o uso das estratégias anteriores estão contribuindo ou não para alcançar o seu objetivo, se as hipóteses levantadas a partir das inferências e previsões feitas podem ser confirmadas.

O leitor competente é alguém que seleciona entre vários textos sociais o que lhe interessa, que possa efetivamente acrescentar-lhe algo que venha ao encontro de uma necessidade sua. “Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos.” (Brasil 1997:54)

Embora os textos dos PCNs não relatem ou comentem literalmente sobre as teorias dos modelos cognitivos, os textos em questão pressupõem que o leitor competente faça uso de modelos cognitivos do processo de leitura. Por exemplo, quando o leitor simplesmente extrai a informação do texto lingüístico, ele estará fazendo uso de forma inconsciente do processamento ascendente (Gough, 1972 e Kolers, 1975) citados por Kato (1990:40). Isto é, a informação se processa na direção do texto para o leitor (quase como uma relação unilateral da informação textual para o leitor, sem vice-versa). No momento em que o leitor extrai a informação do texto e passa a conferir essa informação com base em seus

conhecimentos prévios, suas experiências, apropria-se cada vez mais da informação dada e atribui a ela um significado.

Esses procedimentos cognitivos ocorrem de forma inconsciente a menos que o leitor esteja analisando a sua própria leitura. Assim, esse é um dos pontos que acreditamos que os PCNs “deixaram a desejar” ao afirmar que: “Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura **constatará** que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, ...” (Brasil 1997:53)

Acreditamos que um leitor experiente provavelmente já tenha refletido que ele vai muito além de decodificar as letras, palavras e sentenças quando lê, ele é consciente que a compreensão do texto é a meta final. Mas será mesmo que qualquer leitor experiente, em todo o universo de leitores, de diferentes formações profissionais, de diferentes contextos de vida cotidiana tem consciência de que seleciona, antecipa, infere e verifica quando lê?

Há também no documento oficial brasileiro a afirmação de que a leitura nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Como diz Paulo Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” Portanto, não é somente a leitura da escrita que nos fornece a matéria-prima para a produção de texto mas a fala, a escuta, a nossa própria visão do mundo, a nossa percepção das diversas realidades, que são fontes utilizadas para o desenvolvimento da escrita.

No texto de Kleiman (1993), “Oficina da leitura: teoria e prática”, é interessante observar que, ao abordar a leitura como decodificação, ela descreve esta atividade de concepção como um processo de reconhecimento de letras, palavras e sentenças com um objetivo único de atender à necessidade imposta por um exercício. É possível que um leitor aqui nem sequer leia o texto.

O texto expõe que ainda que seja uma prática muito empobrecedora pois a atividade em si “compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário” (p.20) (isto é, presença de palavras idênticas entre o texto e as perguntas de um exercício proposto ou de uma avaliação), tem sido uma prática muito usada pelo livro didático em nossos dias sob o título: “Interpretação de texto”.

Segundo Kleiman, nessa atividade, para que o leitor responda a uma pergunta basta o passar do olho pelo texto a procura de trechos que repitam o material já decodificado da pergunta.

O texto considera esse tipo de leitura como dispensável, uma vez que em nada modifica a visão de mundo do aluno. Segundo o texto, também há outra prática, que passa por leitura, que não consiste somente na decodificação, mas também torna a atividade dispensável pois revela uma atitude de descaso em relação à voz do autor. Essa atividade dispensa a etapa da compreensão por parte do aluno sobre a colocação do autor e parte logo para a pergunta. Dessa maneira, “o que você acha?” substitui perguntas como “o que o autor acha?”, “você acha que o autor está certo?” A autora afirma que nessa prática o professor queima a etapa de leitura pois não explora o texto com os alunos para saber antes da opinião do aluno, a opinião do autor.

Agora, refletindo sobre as colocações da autora Angela Kleiman à luz dos modelos cognitivos de processamento de leitura, vamos constatar que, no primeiro caso, tendo a leitura como decodificação, podemos perceber que a atividade ocorre em nível de extração pura e simplesmente. Isto é, o aluno extrai a informação expressa no texto com o passar do olho até encontrar o que procura. Particularmente, pensamos que até mesmo a atividade de extração está sendo comprometida nessa situação, pois não solicitou do aluno nem ao menos uma leitura completa e atenciosa do texto. Certamente ele extrairá apenas a informação suficiente para responder as questões propostas. Nesse caso, embora o aluno tenha selecionado os trechos que procurava, não houve atribuição de significado e muito menos processo de interação.

Jean Foucambert, em seu texto *A leitura em questão*, posiciona-se quanto ao conceito de leitura, afirmando que: “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.” (1994:05) “Ler não consiste em encontrar o oral no escrito...; ... a escrita é a linguagem que se dirige aos olhos; funciona e evolui para a comodidade dessa comunicação visual.” (p.07)

Foucambert (1994) analisa a leitura primeiramente quanto ao seu aspecto semântico, levando-nos a refletir de que maneira a leitura pode informar, acrescentar, provocar, inserir

idéias na mente do leitor. O autor afirma também que “Ler é explorar a escrita de uma maneira não-linear... jamais se chega ao significado de um texto pela soma do sentido das sucessivas palavras que o compõem.” (p.06)

O autor identifica com precisão as estratégias de leitura, concluindo que, para que haja produção do significado de um texto, é necessário que o leitor selecione primeiramente as formas de explorar esse texto; a seguir venha a antecipar, inferir e verificar. Foucambert advoga que não lemos de maneira linear, isto é não nos comportamos como um autômato→que→ao→ler→um→programa→não admite interferências no processo de leitura; não corre o risco de imaginar, raciocinar, lembrar-se de algo, envolver-se, comover-se com o que está sendo lido. Ele apresenta o ato de ler como um exercício de ir, avançar e retornar no corpo físico do texto, um exercício voluntário e dinâmico.

Pode-se observar que ele defende o modelo cognitivo de processamento descendente (Smith, 1978 e Goodman, 1967) citados por Kato (1990), onde o leitor atribui significado ao texto.

Vilson J. Leffa, no texto: “Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística” (1996), apresenta uma definição conciliatória de leitura. Tendo em vista as concepções anteriores amplamente divulgadas e discutidas, a saber: a) a leitura é um processo ascendente e b) a leitura é um processo descendente, surge uma nova proposta para defini-la, uma proposta mais abrangente que considera as duas anteriores e também uma terceira: o processo de interação entre o leitor e o texto.

Segundo o texto:

O leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto. (p.17)

Essa intencionalidade é característica exclusiva do ser humano. Uma máquina pode ser programada para resumir ou parafrasear um texto, detectar anomalias semânticas e até responder perguntas implícitas; seria difícil, no entanto, imaginar uma máquina que, espontaneamente, ficasse horas entretidas com a leitura de um grande romance. A máquina não teria a intenção do lazer, como não teria a intenção de obter informações da bolsa de valores ou de fazer uma leitura crítica de um poema de Mallarmé. (p.17)

Satisfeita essa condição básica de intencionalidade, inicia-se o processo complexo de interação entre o leitor e o texto. (p.17)

O autor apresenta o conceito de que os processamentos ascendentes e descendentes ocorrem simultaneamente desde o momento inicial da leitura quando ainda na decodificação de cada letra.

Leffa mergulha profundamente nesses dois modelos, defendendo a hipótese de que quando lemos não processamos as letras de um determinado segmento de modo linear, da esquerda para a direita, mas de modo simultâneo.

Em nosso ponto de vista, talvez essa hipótese explique por que o leitor (inclusive o inexperiente; a criança nos primeiros anos escolares), no decorrer do ato de ler, antecipa a própria leitura e advinha uma parte da palavra ou em outro nível até mesmo substitui a palavra escrita por um sinônimo. É o que, por exemplo, Foucambert discute ao afirmar: “Pais e professores consideram um erro de leitura pronunciar “sapato” onde aparece “calçado”. Que eles expliquem, primeiro, por que a criança não disse “calça” ou “cadeira” ou “rinoceronte”...” (1994:06)

Se, portanto, a leitura não se dá de forma linear, ela efetivamente é um processo de múltiplas combinações de estratégias cognitivas que ocorrem simultaneamente e de maneira individual.

Voltando ao texto de Leffa, o autor levanta também a hipótese de que não teríamos na memória propriamente dita um molde para cada letra do alfabeto, mas nós distinguiríamos as letras, umas das outras, pelos traços distintivos. Segundo o texto, “O leitor já sabe que qualquer letra dentro de uma palavra impõe restrições nas letras vizinhas. A letra “z” no início de uma sílaba, por exemplo, só pode ser seguida de uma vogal.” (p.19) Quando o leitor passa de uma letra para a seguinte, surge um ponto de contato entre as duas letras e a ligação entre elas é estabelecida pela contribuição do leitor.

Podemos observar, até aqui, como o autor vê e esclarece a ocorrência dos modelos cognitivos ascendente e descendente. A partir desse ponto de sua argumentação, Leffa introduz a idéia de que há um terceiro processo entre o leitor e o texto.

Começa a ocorrer, com a contribuição do leitor, ainda que de modo primitivo e subconsciente, as primeiras manifestações do processo de interação. O leitor, usando seu conhecimento prévio, interage com a informação básica do texto para estruturar um determinado padrão

silábico. Ele sabe que combinações como SA, GA, MA, formam padrões silábicos possíveis na língua portuguesa – ao contrário de combinações impossíveis como CF, DX, JG – e usa esse conhecimento para negociar e renegociar as informações obtidas do texto. (p.19)

O autor explica que o mesmo processo prossegue de modo similar à medida que o leitor avança sua leitura, de forma que da palavra vai para o sintagma e desse à unidade de sentido e assim por diante até esgotar o texto.

É claro que essa teoria é confrontada por outras, no entanto as oposições entre as teorias não foi objeto de estudo neste trabalho.

## REFLEXÕES NA ESCOLHA DE UM TEXTO SOCIAL

Nos últimos anos, a multiplicação dos portadores de textos (livros, revistas, jornais, folhetos, guias turísticos etc.) disponíveis em bancas de jornal tem nos chamado a atenção. É interessante observarmos que muitas das tradicionais “banquinhas de jornal” deram lugar a uma nova concepção de banca de jornal, mais semelhante a uma “pequena livraria” extremamente bem localizada e construída no interior de nossas praças, shoppings, estações rodoviárias, aeroportos, universidades e outras áreas comuns. Estes recintos exercem uma atração sobre as pessoas das mais variadas faixas etárias e centros de interesse, chega a ser irresistível o convite implícito nas manchetes de suas vitrinas; ao entrarmos, desfila-se um “banquete” diante de nossos olhos com “manjares para todos os gostos”. Em meio a tanta oferta de material de leitura, vamos destacar as revistas de forma geral, que têm ocupado um lugar especial entre os leitores atualmente.

As editoras têm colocado à disposição do leitor revistas cada vez mais especializadas, oferecendo uma prestação de serviço “sui generis”: informando, resumindo, explicando, confrontando dados úteis ao público leitor a que se destinam. Este procedimento vem ao encontro do fato de que o leitor competente sabe o que procura e onde deve procurar; é capaz de selecionar entre vários textos sociais aquele no qual pode obter respostas.

Partindo deste ponto de vista, escolhemos parte do texto “Jornada ao Século XXI”, composto de oito páginas, da revista “Geek” para análise e prática de leitura. A revista

“Geek” é especializada em informática, tecnologia e comportamento, tendo como público alvo os usuários de computador e internet.

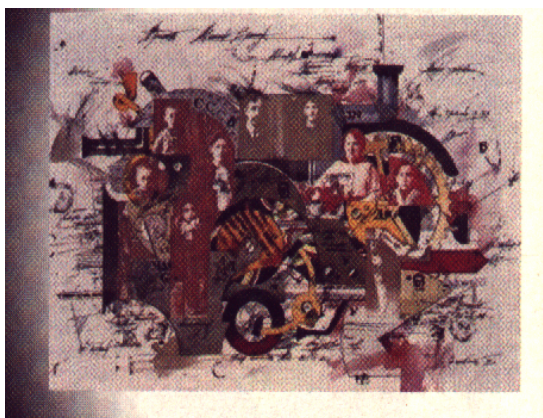
## ANÁLISE DO TEXTO E PRÁTICA DE LEITURA

Os dois primeiros parágrafos do texto com marcas de descrição e narração carregam um peso de verossimilhança tal que contribuem para que continuemos a leitura de forma linear, atenta a cada palavra.

*“Fiquei só, no tempo chuvoso da noite paulistana. Assim, num canto escuro da redação e ao pé da janela, pus-me a observar os veículos trafegando pela avenida. Eram poucos àquela altura da noite. Quando já pensava que o desfecho da história fosse a velha rotina, o destino conspirou outra cena. Batia à porta a figura distinta de um homem vestido em roupas finas, metido num elegante paletó azul-marinho e com um chapéu antigo a cobrir-lhe a cabeça.”*

Quando, porém, chegamos ao terceiro parágrafo: “*Dizia-se viajante perdido e pelo sotaque carregado, pareceu-me francês*”, já é possível negociarmos com a informação textual e duvidarmos de sua veracidade, pois nos parágrafos anteriores, encontramos a informação de que o desenrolar da história acontece às altas horas da noite em São Paulo. Com um mínimo de inferência a partir do conhecimento prévio que temos sobre esta perigosa cidade, podemos questionar: “Que turista andaria em São Paulo, sozinho, àquela hora?”

A seguir nos deparamos no texto com o nome “*Júlio*”, nesse preciso momento, se relacionarmos a pequena ilustração da “máquina do tempo” (logo abaixo do título do artigo) com as quatro fotografias expostas no texto poderemos nos antecipar, isto é, supor o que está por vir e deliberadamente exclamar: “Ah! Não me diga que ele (autor) está falando de Júlio Verne!”

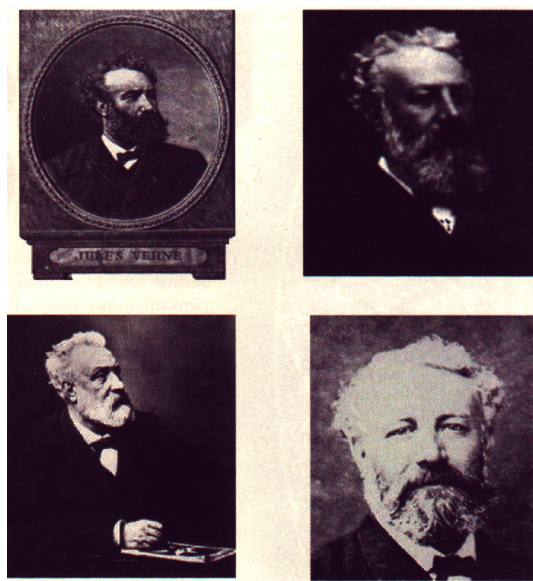


É evidente a esta altura da leitura, que a capacidade de inferência individual do leitor vai determinar a construção do sentido que se possa ter do texto. Assim, se o leitor já leu algum livro de Júlio Verne ou assistiu a um ou mais filmes adaptados de seus livros, clássicos da ficção científica, terá cada vez mais afinidade com o texto. Ser-lhe-á permitido perceber as intenções mais sutis do autor e delinear previsões mais pontuais no decorrer da leitura.

Como ressalta Solé, a respeito do estabelecimento de previsões sobre o texto,

Para estabelecer previsões, nos baseamos nos mesmos aspectos do texto que já mencionamos: superestrutura, títulos, ilustrações, cabeçalhos, etc. E, naturalmente, em nossas próprias experiências e conhecimentos sobre o que estes índices textuais nos permitem entrever sobre o conteúdo do texto. (1998: 107)

Nota-se que houve uma preocupação por parte do autor em facilitar a compreensão leitora, visto que se utiliza dos recursos mencionados por Solé, com muita propriedade, impelindo o leitor a fazer a leitura das imagens visuais antes mesmo da leitura textual; ele induz o leitor a uma atividade de pré-leitura do texto (Solé, 1998) através dos recursos de que dispõe, proporcionando ao leitor a oportunidade de revisar ou atualizar o seu conhecimento prévio sobre Júlio Verne. Podemos verificar este fato através das quatro fotografias do escritor, tiradas em idades diferentes e também na pequena ilustração da “máquina do tempo” uma das poucas previsões de Júlio Verne que não se cumpriram.



Nos próximos parágrafos, o autor desenvolve o texto envolvendo o leitor na “atmosfera do conto”, pressupondo que, se o leitor é bem informado, e, portanto, foi capaz de “inferir uma série de dados e deduzir uma porção de informações para poder ligar as partes do texto e fazer com que ele tenha lógica e coerência” (Fulgêncio e Liberato, 1996, p.81), ele já alcançou seu objetivo.

Em nosso ponto de vista, o objetivo maior do autor é conquistar o leitor, mantê-lo atento, levá-lo a interagir com o texto (Leffa, 1996, p.37). Observamos que o autor possibilita que o seu leitor faça uso de tudo que conhece, que já ouviu falar sobre o assunto, motivando-o a prosseguir na leitura, a obter prazer dessa fruição, a permutar informações com o autor. Podemos imaginar esse tipo de leitor “chegando” ao sexto parágrafo, onde lemos: “*Curiosamente, não estava molhado, apesar de caminhar desprotegido*” e poder exclamar: “Ah! Sei, agora o autor vai começar a brincar comigo!”

O parágrafo nono contém as pistas do que podemos encontrar nas páginas subseqüentes que compõem a reportagem informativa. A carga semântica deste parágrafo é bastante relevante, note-se ao se ler: “...o livro que Júlio deixou depositado sobre a mesa da recepção, um volume de 300 páginas intitulado “*Jornada ao Século XXI*” podemos formular hipóteses sobre o conteúdo das próximas páginas. É possível relacionarmos as invenções científicas preditas nos livros do escritor com as últimas novidades da ciência tecnológica. Podemos até mesmo pensar: “Será que esse livro existe ou o autor está brincando comigo de novo?”

Nessa interação genuína e única que se estabelece entre leitor e texto, na medida em que cada leitor possui a sua própria “bagagem” de conhecimento de mundo, e dispõe de “n” maneiras diferentes de relacioná-las com os dados novos encontrados no texto, podemos entender a profundidade da citação de Foucambert (1994:05), “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.”

Finalmente, quando o leitor lê o “prefácio do livro”, destacado à direita, em forma de página manuscrita, ele tem a ocasião para verificar suas hipóteses; ele construiu o significado do texto durante a leitura e agora tem a oportunidade de confirmar algumas suposições e talvez descartar outras. Ainda segundo Foucambert (p.08), “A leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provêm do leitor; o resto é informação sonora...”

As autoras Ferreiro e Palacio (1987:15) fazem uma colocação muito pertinente com o que temos visto sobre o autor do texto aqui analisado: “A sensibilidade do escritor em relação ao seu público e a maneira através da qual conseguiu representar significado para este público influenciarão a compreensibilidade.”

Refletindo sobre essas citações, entendemos que, por mais legítimo (Fulgêncio e Liberato, 1996) que um texto possa ser para um determinado público, a sensibilidade do autor para com este público assegurará a compreensão do texto.

Percebemos aqui, no “prefácio”, a sutileza do autor ao sugerir que havia mesmo uma “menção” para ele neste texto, utilizando-se para este fim, o recurso da letra manuscrita e substituindo a saudação “Caro leitor” por “Caro amigo”. O autor oferece ao leitor bem informado a possibilidade de inferir abundantemente ao escrever: “*A mim, Júlio Verne, foi concedida a graça divina de transpor a barreira do tempo e olhar através das janelas do passado e do futuro.*” Realmente, Júlio Verne transpôs a barreira do tempo, não literalmente, é claro, mas através de sua fértil e sólida imaginação. Ele predisse grandes inventos em suas obras, tais como: a televisão, a foto-telefoto, o helicóptero, o cinema falado, a vitrola, o gravador, a iluminação a neon, as calçadas rolantes, o ar condicionado, o diamante sintético, os arranha-céus, os mísseis teleguiados, os tanques de guerra, os submarinos, os telescópios gigantescos, o avião, a caça submarina, o aqualung etc.

Portanto, o leitor atual, “colocando-se” no passado, de volta a 1864, poderá avaliar a criatividade desse escritor, que, na realidade, “viveu” num futuro muito distante do seu tempo e como afirma a “Enciclopédia Delta Larousse” (vol. 12, p.6983, 1970) “*Criou, assim, um gênero novo, o romance científico de antecipação.*” O autor joga com o pressuposto de que foram feitas, pelo menos, algumas dessas inferências por parte do leitor, e prossegue em sua pena assumindo a “própria identidade” de Júlio Verne, para resumir em brevíssimas palavras a essência de sua obra literária: “*Escolhi suportar esse peso, porque o gosto pelo desconhecido e a paixão pela aventura sempre balizaram minha vida.*”

No segundo parágrafo, o autor usufruindo de todos os benefícios que essa modalidade de texto, “carta ao leitor”, lhe traz, introduz, nada mais, nada menos, que o tema da sua reportagem, isto é, do que se trata a reportagem afinal! Aulls (1978), citado por Solé (1998). Ao lermos, “*Essas são as viagens que fiz após essa noite chuvosa e triste em que lhe visitei. Mas relatarei apenas o que constatei até o ano 2009. O que seguiu a esse período já não me é facultado comentar.*”, poderemos nos antecipar e prever qual será o assunto abordado nas próximas páginas mesmo sem tê-las visto ainda. Com base em nosso conhecimento prévio, largamente discutido aqui, praticamente estamos inteirados de que o autor nos trará informações sobre os novos inventos tecnológicos que farão parte do nosso dia-a-dia nesta próxima década. Assim, é possível confirmarmos a hipótese sobre o que trata este texto, relacionando dados levantados na leitura anterior ao “prefácio” (no parágrafo nono, quando o autor menciona o título do livro “Jornada ao Século XXI”) com nova informação textual: “*A você e aos que lêem essa revista, deixo de presente minhas visões.*” Aliás, mais uma vez, o autor procura ser sensível ao leitor e para assegurar a sua compreensão, escreve essa frase para que o seu leitor possa interagir plenamente com o texto, e encontrar, aí, uma menção para ele também.

E o que é o prefácio de um livro, senão uma oportunidade única, e por isso, preciosa, na qual o escritor revela suas intenções ao leitor? É, portanto, na mensagem do prefácio, que todos nós leitores, encontraremos uma menção para nós, a qual poderá atravessar a barreira do tempo, das diferenças culturais e sociais, porque registra um momento sublime em que o autor, dirigindo-se ao seu leitor, o constitui destinatário de sua obra.

O autor finaliza o “prefácio” sugerindo ao leitor que leia as próximas páginas imbuído de caráter crítico, é o que podemos ler nas “entrelinhas do texto”: *“Ainda é possível que nem tudo aconteça no seu futuro como asseverei em meus textos, porque o próprio futuro não é único, partindo como linhas tangentes e dispersas daquilo que se chama de presente.”*

Nesta página ainda, o autor utiliza-se de um período final, destacado dos demais (em itálico), onde lemos: *“Guardei o livro como um grimoir sagrado. Estava ao alcance de minhas vistas o mapa de um futuro provável. E melhor que as profecias de Nostradamus, estas já vinham decodificadas.”* Nota-se, neste período final, que o autor ao mencionar as profecias de Nostradamus, possibilita que o leitor, mais uma vez, atribua significado ao que está por vir no texto, aliado à segurança de que as informações serão legíveis e por isso mesmo “decodificadas”. É interessante observar que o autor poderia ter citado outro personagem da ciência ou literatura para comparar com a engenhosidade de Júlio Verne, como o grande Leonardo Da Vinci, por exemplo. No entanto, preferiu citar Nostradamus, criando no leitor uma expectativa de aventura e mistério.

Na última página da reportagem, o autor retoma o texto inicial:

*“Das jornadas de Júlio Verne havia outros relatos sobre 2009. Alguns contam histórias apavorantes e outros nos dão profunda confiança. Entre as dúvidas do futuro enigmático e o sono frágil das profecias, fico com a metáfora de Érico Veríssimo: “O tempo é um rio sem nascentes a correr incessantemente para a eternidade”.*

*Infelizmente, após concluir essa matéria, o livro que Júlio Verne deixou também desapareceu e fiquei sem evidências para comprovar meu contato com o escritor. Apenas guardo a recordação do velho guarda-chuva que emprestei a Júlio e que ele jamais me devolveu. Por isso, se algum dia Júlio Verne bater à sua porta, atenda gentilmente e sirva-lhe uma xícara de chá. Mas jamais empreste algo a ele.”*

No último parágrafo, ao lermos: *“fiquei sem evidências para comprovar meu contato com o escritor”*, percebemos nitidamente a intenção do autor em garantir a compreensão do texto, até mesmo, ao leitor menos informado, isto é, àquele que por ventura jamais tenha ouvido falar de Júlio Verne, assegurando a esse leitor que, evidentemente, essa visita nunca aconteceu...

Encontramos na afirmação das autoras Ferreiro e Palácio respaldo teórico para esta conveniente conduta do autor,

Desse modo, os leitores devem construir significado a partir do texto na ausência do escritor. Não podemos nos voltar para o escritor como podemos fazê-lo com o orador e perguntar-lhe: “Que quis dizer?”. Trata-se de uma transação a longa distância entre o leitor e o escritor. (1987:15)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos em mente o objetivo de abordar a leitura de forma mais abrangente. Discorremos sobre teorias da literatura psicolinguística que têm contribuído sobremaneira para a concepção de leitura atual. Buscamos esclarecer como e porque utilizamos essas teorias na prática da leitura.

Gostaríamos de mencionar que o portador de texto por nós selecionado, bem como o texto escolhido, é apenas um exemplo entre tantos textos sociais disponíveis. Acreditamos que oferecer aos alunos a possibilidade de trabalhar com uma escrita de uso real, em nossa sociedade, poderá trazer-lhes o enorme benefício da motivação. E é justamente aí: na motivação, que nasce o nosso leitor competente.

## BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental*. Brasília, 1998.9
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. (orgs.) *Os processos da leitura e escrita: novas perspectivas*. Trad. Maria Luiza Silveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A criança o professor e a leitura*. Trad. Marleine Cohen e C. Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FOCAULT, M. e outros. JÚLIO VERNE – uma literatura revolucionária. São Paulo: Ed. Documentos Ltda.

FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. *A Leitura na escola*. São Paulo: Contexto, 1996.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1993.

LAROUSSE, D. ENCICLOPÉDIA. Vol.12, p.6983, 1970.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1996.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad. Claudia Schilling G. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

REVISTA GEEK. *Jornada ao século XXI*. São Paulo, Ano 2, n.6, p.28-35, 2000.